

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

MARIA EDUARDA DE SOUZA MELLO

O PAPEL DAS MUDANÇAS NORMATIVAS E REGULATÓRIAS NAS FORÇAS
GLOBAIS PARA A NORMALIZAÇÃO SOCIAL DA INDÚSTRIA SEXUAL
DIGITAL

SÃO PAULO, SP
2024

MARIA EDUARDA DE SOUZA MELLO

**O PAPEL DAS MUDANÇAS NORMATIVAS E REGULATÓRIAS NAS FORÇAS
GLOBAIS PARA A NORMALIZAÇÃO SOCIAL DA INDÚSTRIA SEXUAL
DIGITAL**

Trabalho de Conclusão de Curso pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Orientador: Arthur Murta

SÃO PAULO, SP
2024

RESUMO

Este trabalho, fundamentado pelas teorias necessárias ao comportamento social, pretende fazer uma revisão bibliográfica acerca das mudanças normativas e regulatórias para a aceitação social da indústria sexual digital a partir da revisão de trabalhos das feministas marxistas e liberais. Desse modo, a pesquisa aproxima-se dos debates das feministas marxistas sob uma crítica à opressão que o trabalho de criação de conteúdo adulto exerce sobre as mulheres, visualizando como o princípio é descartado para dar espaço ao viés econômico, o projeto de feministas radicais visa a erradicação do trabalho sexual. O interesse pela pesquisa surgiu a partir das nossas inquietações a respeito de como a indústria pornográfica é persuasiva em relação as mulheres para a venda de conteúdos pornográficos com a promessa de liberdade financeira. Discutir essa temática pode ser importante para refletir acerca da mercantilização global dos corpos femininos e pode, também, subsidiar, futuramente, outros trabalhos contribuindo para a construção de uma bibliografia necessária. Assim, esse trabalho promove uma discussão a partir das contribuições de Freitas (2022), Girardello (2016) e Jeffrey (2005), que versam acerca do trabalho de criação de conteúdo adulto e seus impactos na sociedade.

Palavras-chave: Indústria sexual; Feminismo radical; Trabalho sexual; Pornografia.

RESUMEN

Este trabajo, basado en las teorías necesarias para el comportamiento social, pretende realizar una revisión bibliográfica sobre los cambios normativos y regulatorios para la aceptación social de la industria del sexo digital a partir de la revisión de trabajos de feministas marxistas y liberales. De esta manera, la investigación aborda los debates de las feministas marxistas bajo una crítica a la opresión que ejerce sobre las mujeres el trabajo de creación de contenidos para adultos, visualizando cómo se descarta el principio para dar cabida al sesgo económico, el proyecto feminista radical apunta a la erradicación del trabajo sexual. El interés en la investigación surgió de nuestras preocupaciones sobre cómo la industria del porno persuade a las mujeres a vender contenido pornográfico con la promesa de libertad financiera. Discutir este tema puede ser importante para reflexionar sobre la mercantilización de los cuerpos femeninos y también puede subsidiar, en el futuro, otros trabajos que contribuyan a la construcción de una bibliografía necesaria. Así, este trabajo promueve una discusión basada en los aportes de Freitas (2022), Girardello (2016) y Jeffreys (2005), que abordan el trabajo de creación de contenidos para adultos y sus impactos en la sociedad.

Palabras-clave: Industria del sexo; feminismo radical; Trabajo sexual; Pornografía.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de pessoas fundamentais. Em especial, agradeço aos meus pais, Mello e Patrícia, pelo apoio e incentivo na minha educação. Graças a vocês realizo um sonho. À minha irmã Clara e melhor amiga, por extrair o melhor de mim. Agradeço ao meu namorado e companheiro de vida, Murilo. Por me colocar no eixo e ser o meu porto seguro. Obrigada por tanto.

Às minhas amigas Marina e Bruna, por todos os trabalhos e momentos no pátio da cruz, sem vocês, essa passagem acadêmica não teria sido a mesma. Ao meu professor e orientador Arthur Murta. E por fim, agradeço a todos os professores da PUC que me formaram como internacionalista, este curso me ensinou a ler o mundo com outros olhos. Obrigada.

Pra quem provou o amargo o açúcar é mais doce
A noite é mais curta
E o minuto é mais louco
A paixão é mais pura e o amor é mais fogo
E eu paguei mais que o preço que é exposto
Mas pra não ter a vida fútil de sempre

-Don L

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 2 | TRABALHO SEXUAL DIGITAL: EMPREENDEDORISMO PARA QUEM?..... | 10 |
| 3 | O PAPEL DA ECONOMIA POLÍTICA GLOBAL NA INDUSTRIALIZAÇÃO SEXUAL: UMA TENDÊNCIA IMPULSIONADA PELA GLOBALIZAÇÃO E PELOS AVANÇOS DA TECNOLOGIA..... | 15 |
| 4 | A INDUSTRIALIZAÇÃO DA PORNOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO MARKETING PARA A MERCANTILIZAÇÃO DO CONTEÚDO ADULTO..... | 20 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| | REFERÊNCIAS..... | 28 |

1 INTRODUÇÃO

A indústria do sexo digital engloba uma ampla gama de atividades on-line relacionadas à sexualidade, incluindo pornografia, serviços de webcam, plataformas de conteúdo para adultos, jogos eróticos, venda de produtos eróticos, entre outros. Essa indústria explora meninas e mulheres jovens vulneráveis, sem direcionar os lucros para aqueles que são mais prejudicados por ela. À medida que a pornografia foi normalizada na cultura popular, os danos são invisíveis ao consenso dos usuários (Jeffreys, 2005). Frequentemente subestimada como um ramo que surgiu para suprir uma necessidade carnal, hoje ela é uma indústria com determinante social e poder político. Somente o mercado da pornografia soma US\$ 97,06 bilhões em todo o mundo (NBC, 2015)

O crescimento desta indústria é resultado de algo que vem sendo alimentado há décadas. Para que o trabalho sexual digital chegasse ao patamar econômico e social atual foi necessário que anteriormente toda a camada de comércio sexual fosse amplamente normalizada pelos Estados. O trabalho sexual sai de uma local ilegal para uma indústria internacional altamente lucrativa, só na China estima-se que a indústria da prostituição represente 8% da economia chinesa e valha cerca de US\$ 700 bilhões (Zhou, Jinghao 2006).

A indústria do sexo digital emerge então de uma indústria multibilionária, que abrange os mais diversos mercados desde o turismo, o mercado imobiliário, hotelaria, bebidas e drogas. O fluxo de mulheres que se prostituem em outros países também passa a ser lucrativo para os Estados. Somente no ano de 2004 as mulheres Filipinas enviaram do Japão US\$258 milhões para suas casas, equivalente a 10% do PIB do país (McCurry,, 2005, p. 15). Os governos, por sua vez, obtêm uma vantagem financeira com essa prática, porém, não movimentam-se para a sua legalização ou proteção dos trabalhadores

A maneira como reconhecemos a prostituição hoje tem evoluído ao longo do tempo devido à influência de interesses, como aponta Jeffreys (2009, p.36), "O formato de organização da prostituição foi sendo alterado por poderes econômicos e sociais para se tornarem em larga escala e concentrados, normalizados e parte da esfera corporativa dominante".

Subsequentemente à expansão da indústria pornográfica, a indústria da pornografia é o meio que normaliza o mercado do sexo no Ocidente, de acordo com Sheilla Jeffreys (2009), foi onde começou todo o crescimento considerável no setor. Torna-se uma indústria altamente lucrativa que tem como fim fornecer receita para grandes corporações a partir dos corpos das mulheres. Com este grande capital, não demora para a tecnologia desenvolver novas plataformas ainda mais lucrativas e com uma aprovação social ainda maior: plataforma de

assinatura de conteúdo adulto, OnlyFans e Privacy. Essa indústria faz parte da indústria global do sexo, que é um conceito amplo dessa indústria já desregulada. Para Freitas (2017), a escalada da prostituição para uma Indústria Global do Sexo tem em sua base a configuração política e econômica neoliberal, que afetou principalmente as mulheres, que são as principais responsáveis por pontuar os circuitos alternativos de sobrevivência.

Com um capital de US\$433 milhões em 2021 (Caminhas, 2022), a plataforma OnlyFans se empenha em se introduzir na sociedade de maneira muito sutil, de modo que seja tão aceita a ponto de ser considerada um formato de "empreendimento". O próprio slogan do OnlyFans 'faça sua influência pagar' é um formato de impulsionar uma ampla camada de influenciadores de mídia social como celebridades da Internet que monetizam sua fama (Abidin, 2018). A ascensão de "empreendedores sexuais" funciona como formato de divulgação para as plataformas, milhares de pessoas – em sua maioria mulheres – começam a entrar no negócio sob a ilusão de que ganharam estabilidade financeira. O número de criadores de conteúdo aumentou 47% para 32 milhões no ano de 2023 (Exame, 2023).

Paralelamente a todo crescimento do setor, existe um esforço em ocultar os malefícios da indústria, seus impactos sociais são frequentemente negligenciados e subestimados. De acordo com um estudo de 2008 da UK Insolvency Helpline, a indústria do sexo está em terceiro lugar, atrás do abuso de drogas e álcool e do vício em compras, na tabela das razões mais comuns para contrair dívidas. No mês de julho de 2021, somente o Xvideos obteve 3,7 bilhões de acessos, seguido pelo Pornhub com 3,6 bilhões de acessos. A alta exposição traz consigo não só o vício mas exerce uma influência cultural na maneira como nos relacionamos, padronizando tendências sociais misóginas e sexistas.

Neste estudo, o presente trabalho busca compreender o papel das mudanças normativas e regulatórias nas forças globais para a aceitação social da indústria sexual digital. Em primeiro momento, a pesquisa bibliográfica está fundamentada na conceituação de definição do trabalho sexual, a partir da revisão de trabalhos das feministas marxistas e liberais e partem de um estudo acerca de um feminismo mais crítico, analisando as questões pensadas por outros autores em relação a essa problemática. A pesquisa aproxima-se dos debates das feministas marxistas sob uma crítica à opressão que esse formato de trabalho exerce sobre as mulheres, em que o princípio é descartado para dar espaço ao viés econômico, o projeto de feministas radicais visa a erradicação do trabalho sexual. O que se esperar de um futuro do trabalho no sexo desnaturalizado de moralidade, guiado apenas pelas necessidades do consumidor? Como a noção de trabalho sexual hoje é composta por concepções neoliberais?

No segundo capítulo, será realizada uma revisão bibliográfica acerca do tema das contribuições de autores como Sheila Jeffreys, Bernstein e Freitas, a fim de compreender a participação do sexo no capitalismo e economia política global; quais atores foram responsáveis por este fenômeno; a participação dos EUA na industrialização da pornografia; suas forças motivadoras.

Em terceiro momento, serão investigados os fatores que possibilitam a normalização global dessa prática e as complexidades envolvidas na aceitação generalizada, com foco nos impactos das novas plataformas como OnlyFans. A forma pela qual a pornificação amadora é hoje altamente rentável é resultado de uma série de intervenções morais e econômicas no cotidiano mundial; Como essa indústria tem impacto nas culturas e relações locais entre homens e mulheres.

Por fim, versaremos a respeito das plataformas de conteúdo adulto, analisando a forma como ela se propõem a persuadir seus possíveis assinantes e criadores de conteúdo adulto, de modo que pareça ser um “bom negócio”.

2 TRABALHO SEXUAL DIGITAL: EMPREENDEDORISMO PARA QUEM?

O formato de trabalho sexual é frequentemente realizado por profissionais do sexo, que fornecem serviços sexuais em troca de dinheiro ou outra forma de remuneração. É importante destacar que esse trabalho é uma atividade legal em muitos países e pode incluir uma variedade de serviços, como sexo, *Striptease*, serviços de *WebCam* e até mesmo acompanhamento social. Porém, com a globalização e a força do mundo virtual, passou a ter diversas camadas, difíceis de definir e conceituar.

Plataformas como *Only Fans*, *Privacy* e *Meu Patrocínio*, ganharam força ao vender a ideia de liberdade sexual e autonomia para a mulher do século XXI. Com a proposta de trocar conteúdo (fotos, vídeos) e, até mesmo, um relacionamento “afetivo”, como é o caso do *Meu Patrocínio*, em troca de dinheiro, status, “presentes” e viagens caras, por exemplo. Essas plataformas vendem a ideia de maneira sutil e até mesmo bastante glamourosa, já que essas plataformas, no geral, investem em propagandas, em que influenciadoras exibem carros de luxo e mansões, supostamente conquistadas pela venda do conteúdo adulto. Com isso, há um distanciamento cada vez maior da ideia que temos sobre prostituição e pornografia, que embora bastante consumidas, são atividades estigmatizadas e marginalizadas. Assim, essas plataformas digitais acabam por conferir uma nova dimensão ao trabalho sexual, caracterizada por uma sutileza que torna complexa a identificação de suas nuances e consequências adversas.

Nesse sentido, as plataformas de vendas de conteúdo, que dão à mulher a falsa ideia de empoderamento e independência, não passariam de um mercado pornográfico, que não foi, sequer, reinventado. O que realmente aconteceu fora a alteração do veículo de circulação, do suporte desse conteúdo adulto e do discurso que norteia ele. A grande questão agora é: *como essas plataformas de conteúdo adulto atraem essas mulheres para a pornografia de modo que pareça um “bom negócio”?*

Para Wendy McElroy, escritora e feminista liberal, “a pornografia pode ser uma forma de empoderamento feminino pois permite que as mulheres controlem sua própria sexualidade e imagem” (McElroy, 1995, pg13). Outra autora de mesma ideologia, Paglia (1992), defende que “a pornografia é uma forma de arte e que as mulheres têm o direito de escolher se querem participar ou não.” (Paglia, 1992, apud Jeffreys, 2009, p. 13). Existe um esforço em colocar o sexo comercial dentro da estrutura de direitos liberais, enfatizando a necessidade de respeitar a escolha dos indivíduos.

Em contrapartida às visões defendidas por autoras feministas liberais, as autoras feministas radicais adotam uma postura crítica em relação à pornografia e à prostituição, concebendo-as como uma “prática cultural prejudicial” (Jeffreys, 2008, p.9) que é imposta às mulheres, em vez de ser uma escolha delas. Para Jeffreys, o individualismo faz com que alguns teóricos defendam a agência e a liberdade de ação das mulheres (2008: 18). Essas perspectivas são fundamentadas em “uma determinação liberal de respeitar a livre vontade do indivíduo e do mercado acima de todos os outros valores, e em um respeito pelo poder e inevitabilidade do direito sexual dos homens” (Jeffreys, 2008: 199). Desse modo, a indústria do sexo não deve ser entendida em termos de empoderamento feminino, mas sim em termos de poder patriarcais, representando “a comercialização da subordinação das mulheres”.

Dworkin teoriza sob uma linha bastante similar, promovendo a ideia de que a pornografia existe, principalmente, para a gratificação dos homens. “A pornografia diz que as mulheres existem para serem usadas, abusadas e descartadas.” (Dworkin, 1989, p. 32) e, além disso, a pornografia heteronormativa frequentemente retrata cenas de violência sexual, coerção e desigualdade de poder, o que pode influenciar negativamente a percepção dos espectadores sobre o consentimento e o respeito mútuo em relacionamentos íntimos. Como novamente descreve, Andrea Dworkin, em seu livro, “Pornografia é a teoria, o estupro é a prática” (ibid).

Trazendo essa realidade para as mídias destinadas à criação de conteúdo adulto, cujos aplicativos de venda não oferecem amparo nenhum para às criadoras, em questão, já que é possível fazer a gravação da tela e cópias dos conteúdos, gravados a partir de outro dispositivo, por exemplo. O que possibilita a divulgação e pirataria do conteúdo em outras plataformas sem

vínculo nenhum ao real proprietário do conteúdo, como *X-Videos* ou *Pornhub*, e, inclusive, a venda e troca desse material, sem retorno financeiro ao produtor. Pode-se observar que, a exposição da pessoa não é controlada por ela, nem pela plataforma, apesar de que a plataforma lucra com essas criadoras por meio de taxas de adesão e vendas no site. Desse modo, os direitos de imagens não são assegurados.

Na realidade, subjacente a esse cenário, encontra-se o desejo masculino, que influencia e orienta todas as questões que, idealmente, deveriam ser determinadas exclusivamente pelas mulheres. Nesse ponto, entra a pornografia heteronormativa, que é um subgênero da indústria pornográfica e se concentra em representações sexuais convencionais e estereotipadas de relacionamentos entre homens e mulheres. Muitas vezes, reforçando e perpetuando normas de gênero tradicionais e expectativas sexuais prejudiciais.

Os prejuízos às mulheres causados pela pornografia heteronormativa não se limitam apenas ao âmbito individual, mas também se estendem à sociedade como um todo, contribuindo para a perpetuação de desigualdades de gênero e para a cultura do estupro. Para MacKinnon, (2006, p. 20) a pornografia se assemelha a um “tráfico de escravos tecnologicamente sofisticado” e permitido, “porque suas vítimas são consideradas socialmente inúteis”.

O campo da liberdade sexual, que foi e é fortemente sustentado por homens liberais e pornógrafos da grande mídia, sustenta a pornografia e fez um movimento contrário, inclusive, a campanha antipornografia levantada em 1980 pelas feministas radicais. Porém, os muitos problemas como danos à saúde de mulheres (Jeffreys, 2004), crime organizado e corrupção (M. Sullivan, 2007), tráfico (Farr, 2004; Monzini, 2005) e a sexualização precoce de meninas (American Psychological Association, 2007), vem sendo reconhecidos como intrinsecamente ligados à indústria. E esses mínimos avanços, se devem ao empenho das feministas e de estudiosos em provar que existe sim grandes prejuízos, embora a grande mídia faça de tudo para mascarar essa realidade.

Por isso, é importante entender esse mercado como algo socialmente construído, mesmo que vendido como natural. “A prostituição é uma ideia”, como aponta Jeffrey (2009), plantada de modo a trazer a mulher como um ser desejado e adorado, quando na verdade é apenas um produto, despido de sua humanidade, para servir ao consumidor.

Em *Globalização, Prostituição e Tráfico Sexual: Política Corporal*, Elina Penttinen (2008 p. 65) afirma que a globalização é produzida e marcada nos corpos, de forma que o que se torna o objeto de interesse são os próprios corpos que são afetados e como eles são constrangidos e fortalecidos pela globalização. O corpo da prostituta não é apenas um espaço sobre o qual o cliente masculino pode projetar os seus desejos e vontades, mas é também um

local onde a própria globalização está presente. (Penttinen, 2008: 75). O corpo da prostituta é um objeto mercantilizado, no seu corpo está investido o valor do objeto sexual do sexo heterossexual, controlado por estruturas de poder.

Desse modo, em contraponto a abordagem anteriormente citada, Andrea Dworkin e Mackinnon, vão dizer que a “pornografia é a teoria da opressão sexual das mulheres”. (Dworkin, 1989, p. 122). “(...) é uma prática política que legitima as mulheres para a exploração sexual.” (MacKinnon, 2006, p. apud Jeffrey, 2009, p. 38). E algumas pesquisadoras e feministas radicais, como Kathleen Barry, vão descrever a pornografia como propaganda do ódio às mulheres, pois a violência mostrada durante a produção da pornografia é como um roteiro para a violência sexual que já ocorre na vida real (Barry, 1979; Dworkin, 1981). Enquanto grupos de liberdades civis vão defender a pornografia como liberdade de expressão (Jeffreys, 2009).

Brewis e Linstead (2000c, p. 4) falam a respeito do “duplo efeito discursivo” da organização do trabalho sexual, vistos como esquemas que polarizam definições da prostituição como trabalho entre a “profissionalização” e “perversão”. Para eles, o trabalho do sexo [...]

é o ponto crucial entre a sexualidade e a organização. Isso ocorre porque encontramos o trabalho do sexo sujeito a uma dupla rejeição - a primeira na construção discursiva da sexualidade "normal" em virtude de ser comercializada e organizada e, portanto, inautêntica; a segunda na construção discursiva da organização porque é sexual e, portanto, ilegítima. O trabalho do sexo, portanto, captura e constitui um exemplo de uma categoria de ser psicológico e social que é um elemento importante em nossa compreensão dos processos do desejo - o abjeto

Nesse sentido, a noção de trabalho sexual sob uma perspectiva neoliberal tende a enquadrar a atividade como uma escolha individual e voluntária, desconsiderando os aspectos estruturais e de desigualdade que permeiam a indústria do sexo. “Os principais vetores da linguagem neoliberal em relação a prostituição são as agências de trabalho sexual criadas ou financiadas pelos governos para fornecer preservativos a mulheres e homens prostituídos contra a transmissão do HIV.” (Jeffreys, 2009, p.17). Com esse financiamento, ativistas profissionais do sexo, ganharam plataformas e autoridade, aumentando assim, a força pró-trabalho sexual.

Desse modo, ao considerar o trabalho sexual como uma escolha individual desvinculada de contextos mais amplos, as concepções neoliberais tendem a desvalorizar a luta por direitos trabalhistas, segurança no trabalho e proteção social para essas pessoas.

Além disso, a ênfase na autonomia individual muitas vezes obscurece as realidades de coerção, exploração e violência que frequentemente acompanham o trabalho sexual, confundindo e desencorajando o trabalho de muitas feministas que antes criticavam a

prostituição a mudar, já que muitas ativistas profissionais do sexo, dirigem uma certa fúria contra as que apontam os danos da prostituição. Como por exemplo, Cheryl Overs, que se referiu ao trabalho de feministas acadêmicas como ‘bobagem’.

O posicionamento a respeito do trabalho sexual, atraiu principalmente as feministas socialistas “pois elas estavam preparadas para ver a prostituição como uma questão de direitos dos trabalhadores, e não como uma questão de violência contra as mulheres.” (Jeffreys, 2009, p. 16). Por outro lado, “as feministas radicais não estavam dispostas a ver a prostituição como um trabalho comum porque sua formação era pesquisar e trabalhar com a violência contra as mulheres, particularmente a violência sexual.” (ibid) E o grande problema é que “uma vez que as feministas radicais se concentram mais na política do pessoal, como a forma como as relações de poder são representadas nas relações cotidianas das mulheres com os homens, elas tendem a ser menos representadas na teorização da política internacional do que as feministas socialistas”. (Jeffreys, 2009, P. 18).

Nas décadas de 80 e 90 nos EUA, alguns sobreviventes da prostituição, criaram organizações, argumentando que a prostituição devia ser entendida como violência contra as mulheres. A partir de pontos de vista como WHIS PER (Women Hurt in Systems of Prostitution Engaged in Revolt) e SAGE (Standing Against Global Exploitation). Porém, como argumenta Sheila Jeffreys “Suas opiniões não têm sido tão influentes, talvez porque não se encaixem na política e na prática da economia neoliberal”. (2009, p. 17) Ainda com relação a essa visão distorcida, da prostituição, a filósofa e feminista radical, Kathy Miriam, explica que, os argumentos pró-trabalho sexual, aparentemente positivos:

“Lançam os direitos dos profissionais do sexo em termos de uma política de ‘reconhecimento’ que gira na ‘identidade’ como seu fulcro moral e visa reparar danos ao status, por exemplo estigma e degradação, como um dano básico ou injustiça infligido a certos grupos de identidade’ (Miriam, 2005, p.7)

E quando isso é aplicado as “prostitutas”, ao invés da estrutura da prática em si, não se faz justiça a um grupo estigmatizado, pelo contrário torna muito difícil ver as relações de dominação e subordinação, subjacentes à prostituição. Sendo assim, toda a linguagem e os conceitos utilizados nessa tentativa de adoção de um trabalho sexual regulamentado, muito mais alinhadas aos preceitos neoliberalistas. Podendo, como aponta Miriam, “desviar-se para um individualismo, descontextualizado de escolha pessoal que está muito longe da política de gênero, raça e classe que está na raiz do feminismo socialista e radical.” (Miriam, 2005, p.7)

Se faz essencial, portanto, analisar as ideias que sustentam a forma como o trabalho sexual é abordado e discutido, visando uma perspectiva mais crítica e abrangente sobre essa questão tão complexa e multifacetada. Pois não há como existir um tipo de arte, se os “artistas” obedecem a um padrão opressor, não há liberdade, se os corpos são controlados por forças externas. E como novamente aponta, Jeffreys, 2009, o apoio a um mercado livre, atende muito mais aos industriais do sexo, do que os interesses de meninas e mulheres envolvidas na indústria.

Problematizar esse mercado é vital do ponto de vista científico e social. É, portanto, preciso enxergá-lo como ele é e, ao analisarmos as concepções neoliberais que permeiam essa esfera, é possível compreender como as forças econômicas e políticas moldam as experiências das pessoas envolvidas. Sendo a investigação crítica e a discussão aberta sobre o tema, essenciais para identificar e enfrentar as desigualdades e injustiças embrulhadas em um discurso de liberdade e autonomia, falsamente glamouroso e empoderador.

3. O PAPEL DA ECONOMIA POLÍTICA GLOBAL NA INDUSTRIALIZAÇÃO SEXUAL: UMA TENDÊNCIA IMPULSIONADA PELA GLOBALIZAÇÃO E PELOS AVANÇOS DA TECNOLOGIA

Com o avanço da globalização e a expansão gradativa do capitalismo na economia na sociedade, o sexo como instrumento de trabalho passa a ser “normalizado” e legalizado, sendo preciso, também, que os trabalhadores sexuais se adequassem aos novos fenômenos sociais advindos da virtualização dos trabalhos, abrindo acesso para um ambiente sexual nas redes sociais através da pornografia, *websexo* e do uso de plataformas virtuais como o *Only Fans*, *Privacy* e *Meu Patrocínio*.

No âmbito das relações internacionais, Sheila Jeffreys desenvolve uma análise profunda sobre o fenômeno da industrialização do sexo comercial, uma tendência impulsionada pela globalização e pelos avanços tecnológicos. Sob essa ótica, o capitalismo global reconhece no comércio sexual uma lucrativa oportunidade de negócio, desconsiderando, porém, as profundas desigualdades estruturais que provêm a essa indústria, estabelecendo uma forma ainda mais eficiente e rápida de ganhar dinheiro.

Desse modo, Jeffreys (2009, p. 18) observa que com o avanço da industrialização nos últimos anos, a prostituição, que sempre foi presente em todas as épocas e sociedade, tornou-se uma área significativa no mercado, tal como para a economia mundial, em que o alcance de

grande parte do mundo ao acesso à Internet desempenhou um papel fundamental no recente aumento da mercantilização do sexo.

Com a proliferação da pornografia, o corpo feminino transcende as fronteiras nacionais, onde antes as prostitutas estavam limitadas a cabarés ou clubes de stripper. Agora um único filme alcança audiências em diferentes partes do mundo. Nesse contexto, empresas assumem um papel central na produção, compartilhamento e promoção desse conteúdo, consolidando assim uma indústria pornográfica globalizada.

A literatura de Jeffreys destaca também um estudo realizado por Lane (2001, p.15), que definiu em sua pesquisa que no ano de 2001, nos Estados Unidos, que o valor arrecadado pela indústria sexual era de US\$ 10 bilhões ou, possivelmente, até US\$ 15-20 bilhões, usando uma estimativa mais conservadora, sem levar em conta os meios ilegais e ocultos. Porém, a estimativa é que nesse ano, o valor econômico indústria da pornografia foi aproximadamente o mesmo do que se paga por eventos esportivos e shows ao vivo juntos no país.

Além disso, a autora ainda aponta que, com a ascensão do comércio virtual, a indústria pornográfica se tornou um negócio de âmbito internacional de produção e de distribuição, destacando que “as grandes empresas de distribuição de pornografia tinham receitas consideráveis. A Playboy faturou US\$ 331.100.000 em 2006, por exemplo, e Beate Uhse faturou US\$ 271 milhões.” (Jeffreys, 2009, p. 67), todavia, grande parte do lucro gerado por essa indústria envolve a exploração sexual, tráfico e abuso de mulheres, trazendo conseqüências graves que denunciam e perpetuam a condição do corpo da mulher como um objeto sexual para a sociedade.

Em conformidade com isso, Jeffreys ressalta a perspectiva feminista diante dessa problemática que defende a prostituição como uma prática cultural nociva aos envolvidos, sendo ela realizada através da exploração e abuso sexual de corpos, sobretudo de mulheres, visando benefícios somente para seus consumidores. À vista disso, a autora frisa que:

Ao contrário do trabalho doméstico, ou cabeleireiro, a prostituição é uma prática cultural nociva das sociedades dominantes masculinas que se baseia no status subordinado das mulheres. A legalização/ descriminalização não fornece uma solução, mas uma exacerbação dos danos inerentes a esta prática. Considerando a magnitude desses danos, é surpreendente que a legalização ainda esteja sendo promovida pelos formuladores de políticas em algumas jurisdições como um caminho promissor a seguir. (Jeffreys, 2009, p.196).

Dessa forma, mesmo que o Estado seja complacente com a legalização da prostituição e da pornografia, essa não deixa de ser uma prática danosa as mulheres, e que por isso, mesmo

com as jurisdições abrindo margem para o crescimento desse mercado, ela não pode ser considerada como um trabalho comum as mulheres, visto os fatores negativos culturais provenientes dela.

Além do âmbito da prostituição, outro aspecto do mercado sexual é a pornografia, que atualmente é mais rentável economicamente que até mesmo a prostituição propriamente dita. Os danos e efeitos negativos da pornografia são muitos e complexos e vão desde o abuso sexual feminino à violência contra o corpo da mulher, que assim trazem prejuízos significativos para a toda sociedade.

No entendimento de Jeffreys, o malefício do consumo descomunal de material pornográfico pode causar a normalização do abuso sexual e da prostituição de crianças e jovens, banalizando o sexo a um ato selvagem. Tomando como exemplo as sociedades ocidentais, a autora acentua que a pornografia já foi legalizada e até normalizada há anos e, como isso ocorreu, ela salienta que:

A retórica da liberdade sexual, a liberdade de expressão e a liberação sexual foram usadas para justificá-la. Pode ser difícil agora para os cidadãos se virarem e observarem os danos que a pornografia causou porque seus valores se tornaram parte de muitas áreas da cultura (Jeffreys, 2009, p. 81).

Ou seja, com a prática de banalização e normalização do sexo, a propagação da pornografia causa sérios problemas como a objetificação e abuso do corpo feminino, o aumento dos casos de estupro e de assédio sexual, maior ocorrência de abuso e prostituição infantil, pedofilia, e outros crimes que desobedecem aos direitos humanos.

Porém, desde a publicação da pesquisa já se via o aumento de outras modalidades de prostituição e pornografia, que iam de sexo por telefone ou sexo ao vivo em sites, sabendo-se que hoje já se tem plataformas legalizadas e especializadas na sexualização dos corpos de mulheres como objetos de lucro. Perante isso, a autora salienta:

À medida que a produção e distribuição de pornografia é globalizada, ela está transformando as culturas sexuais em todo o mundo, prejudicando a condição de mulheres e meninas. Na década de 1990, a indústria dos clubes de *striptease*, às vezes chamada de "pornografia ao vivo", também foi normalizada, [...] e teve efeitos igualmente preocupantes sobre as mulheres e meninas que são exploradas dentro da indústria e sobre o status das mulheres. (Jeffreys, 2009, p. 85).

Com base nas considerações realizadas por Bernstein (2008, p. 321), mesmo que a globalização americana tenha crescido sobremodo na indústria midiática mundial e, devido a isso, muitos argumentam eticamente pela liberdade do consumo sexual de pornografia descontrolada, a autora considera que nos EUA o Estado tem problematizado esse desejo

heterossexual masculino por meio de crescentes detenções de clientes e programas de reeducação; retenção de veículos pornográficos; leis nacionais e internacionais mais estritas sobre o consumo de prostituição com menores de idade e da posse de pornografia com crianças, como uma tentativa de diminuir os efeitos negativos que a industrialização sexual traz.

Nos Estados Unidos, essas campanhas se dão por meio de projetos de reeducação moral, acreditando-se que os consumidores de pornografia e os clientes da prostituição são vítimas de um sistema social e cultural que normaliza esses problemas e naturaliza a retificação do corpo feminino. Todavia, o intuito dessas campanhas não era fundamentado no respeito à vida e ao corpo feminino, a autora destaca que as:

“Campanhas contemporâneas contra a prostituição, contrastando com as disputas morais de um século atrás, estão predominantemente preocupadas em limpar os setores inferiores, com suas questões espinhosas, de uma indústria que, basicamente, não é incomodada, contanto que permaneça atrás de portas fechadas ou, o que é ainda melhor, *online*.” (Bernstein, 2008, p. 354).

Nessa mesma perspectiva, em um estudo mais recente realizado por Freitas (2022, p.40) sustenta-se que a prostituição e a pornografia podem ser entendidas também como tráfico sexual, sendo ela uma atividade comercial que envolve uma grande quantidade de pessoas envolvidas, sejam como vítimas ou como perpetradores dessa violação dos direitos das mulheres e de seus corpos, que expõe que mesmo que haja um aparente esforço internacional para frear seus avanços, isso é ineficaz.

Para Freitas (2022), a Indústria Global do Sexo pode ser definida como uma complexa teia de serviços de cunho sexual, em vias de promover o lazer e o entretenimento em troca de dinheiro. A autora também destaca, com relação à globalização do mercado sexual nesses países, tanto no âmbito físico como no virtual, dois possíveis fenômenos que fundamentaram a Indústria Global do Sexo como um integrante da economia dos Estados, para que essa seja legalizada:

O primeiro fenômeno internacional é a globalização que, entre outras dinâmicas, desencadeou o segundo fenômeno, formado por três eventos: o turismo sexual, a migração e o tráfico sexual. Todas essas fases encontram-se agregadas à economia e constituem os circuitos alternativos de sobrevivência. (Freitas, 2022, p. 28).

Devido a essa globalização e a expansão da Indústria sexual no mundo, desencadeou-se grupos pró e contra essa problemática, um de autodeterminadas trabalhadoras sexuais que exigiam a legalização e regulamentação da prostituição como um meio de trabalho, e outro composto por feministas radicais que exigiam a abolição da prostituição. A influência desses grupos causou a divisão de dois modelos jurídicos de prostituição em diferentes países, o de

legalização e o abolicionista, para além do, até então mais comum, proibicionismo. O Estados Unidos, por exemplo, adotou o proibicionismo, porém a estimativa do mercado do sexo ilegal é de US\$ 5,7 bilhões por ano (Freitas, 2022, p. 57).

Segundo o estudo de Freitas (2022, p. 85), a abolição e o proibicionismo dessa atividade, que era uma forte fonte de lucro e rotatividade de política econômica local, foram desastrosos, de um ponto de vista social, principalmente para os países em desenvolvimento e os de terceiro mundo, tendo em vista que o desemprego acometeu as mulheres que viviam somente dessa prática e que, por isso, passaram a migrar para os países hegemônicos a fim de continuar no mercado sexual.

Destaca-se, ainda, o papel dos Estados Unidos como principal impulsionador da industrialização da pornografia e prostituição. Através de práticas como a prostituição local e militar, bem como o estímulo ao desenvolvimento de uma indústria de pornografia na internet sem regulamentação devida, os EUA emergem como protagonistas desse cenário (Hughes, 2000) Essa postura é corroborada por políticas de livre mercado na internet, Ira Magaziner (consultor sênior do presidente para desenvolvimento de políticas de 1993 a 1998) argumenta que a censura não seria necessária, defendendo que questões como pornografia, proteção da privacidade e segurança infantil deveriam ser tratadas como responsabilidade individual. A ausência de intervenção governamental nesse contexto é vista como um catalisador do crescimento econômico, sendo que cerca de 50% do crescimento econômico dos Estados Unidos nos anos que antecederam 1999 é atribuído a essa abordagem de não interferência na internet e na indústria pornográfica. (JEFFREYS, 2008). Desta maneira, a indústria da pornografia emerge muito rapidamente de uma má fama para uma representativa aceitabilidade social na década de 1990.

Logo, diante das teorias e pressupostos destacados nesse capítulo através dos subsídios teóricos de autores como Jeffreys, Bernstein e Freitas, foi possível compreender como a industrialização do sexo é um fator central no capitalismo e na globalização econômica, bem como as influências que se deram para que essa propagação da indústria sexual se tornasse tão grande mundialmente. É de suma importância enfatizar as consequências e os efeitos causados economicamente, culturalmente e socialmente pela crescente da indústria do sexo na economia política internacional.

4. A INDUSTRIALIZAÇÃO DA PORNOGRAFIA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO MARKETING PARA A MERCANTILIZAÇÃO DO CONTEÚDO

ADULTO

Para construção desse capítulo e entendimento das demais questões, faz-se necessário conhecer as plataformas de vendas de conteúdo adulto, bem como a forma como é glamourizada a ideia da pornografia nas plataformas: *Meu Patrocínio*, *Only Fans* e *Privacy*.

Além disso, uma pauta necessária à construção desse trabalho é a noção do conceito de “capital social” que é, em tese, a ideia que está sendo “vendida” a esses novos adeptos às redes de venda de conteúdo adulto e que, para Coleman (1988) e Lin (2001), é um valor relacionado às conexões sociais obtido por meio do pertencimento a um grupo social. Assim, para Bourdieu (1983), o capital depende das redes, que, para os dias atuais, tem sua complexidade, já que há diversas conexões, sem um fim exato. Nesse viés, Burt (1992) menciona que o capital social diz respeito a quem você alcança e como o faz para que essa conexão exista, se tornando dependente da qualidade dessas conexões e do seu grau de investimento.

Para Girardello (2016), esses laços contemporâneos, já nascem em um meio inseguro, onde a quantidade de conexões e seus benefícios sociais são mais importantes que sua qualidade e durabilidade, até porque essa liquidez, entendida como primordialmente de relações rasas e virtuais tem sua conexão mantida pela ferramenta, não pode ser controlada. A autora, Girardello (2016, p.9) ainda diz que:

Cada sujeito, em seu papel de ator social, monta um perfil planejando capitalizar-se ao máximo, mas sempre acompanhando a lógica do perfil característico de determinada ferramenta a qual esta usufruindo para se vender e parecer valorizado aos olhos do coletivo. Ao mesmo tempo, está em busca de pessoas com perfis semelhantes ao seu para conectar-se, comercializar experiências e, assim, adquirir mais capital social e manter-se vivo socialmente.

Essa “busca” que a autora menciona está presente mais fortemente na plataforma brasileira “Meu patrocínio”, que veremos a seguir, e de forma implícita nas demais plataformas de vendas de conteúdo, criando uma ideia de conexão entre o cliente e produtor.

4.1 Meu Patrocínio: “Mulheres lindas, homens ricos”

Atualmente, com quase 16 milhões de usuários, o Meu Patrocínio é um site brasileiro que, à primeira vista, apresenta uma proposta inovadora, de relacionamentos “sugar”, como chamam, em que o beneficiado dispõe da sua relação em troca de “benefícios”. Para Girardello (2016, p.10), “O que ocorre é uma economia afetiva em seu sentido mais literal. Perfis sendo comercializados a fim de prover benefícios (capital social) próprios e mútuos, e, também, para

a rede como um todo a partir de conexões interpessoais afetivas”.

A figura abaixo fora extraída da página inicial do site Meu Patrocínio e mostra, em seu primeiro contato, essa mercantilização do afeto e apresenta a ideia de troca de benefícios como um “bom negócio”:

Figura 1 - Página inicial do Meu Patrocínio



Fonte: *Printscreen* da página da web

Na imagem, em questão, podemos ver: 1. Imagens de mulheres bem vestidas, com maquiagens, felizes e com a impressão de riqueza; 2. Com fonte em negrito e bem destacada a frase “Vantagens de ser Sugar Baby”, seguidas das vantagens elencadas pelo site, como viagens, networking e relacionamentos com homens maduros, com experiência.

Rolando um pouco mais, podemos identificar a vantagem de ser um “Sugar Daddy”:

Figura 2 – Captura de tela do site Meu Patrocínio



Fonte: *Printscreen* da página da web

Para construção do perfil “comprador”, nesse caso, o site apresenta homens mais velhos

e aparentemente muito ricos, em viagens, lanchas e mostrando alguma forma de ostentação. As vantagens, para eles, são: “encontre mulheres jovens, lindas e decididas”, “relacionamento honesto e transparente” e “4x vezes mais mulheres cadastradas que homens”. Assim, no segundo tópico ainda destacando “sempre abra o jogo sobre suas questões pessoais e profissionais”.

Por fim, o site apresenta dados curiosos, como “9,8 milhões de sugar babies femininos”, ou seja, quase 10 milhões de mulheres cadastradas, “2 milhões de Suggar Daddies”, “3,6 milhões de Sugar babies masculinos” e “393 mil sugar mommies”. Desse modo, além da mercantilização da mulher, o site ainda conta com essa “troca” de afetos por sugar babies masculinos, ou seja, homens que estão inscritos também em busca de benefícios.

Para Girardello (2016, p.11), mais do que apenas um tipo de relacionamento, com regras predefinidas, os Sugars promovem um estilo/padrão de vida, que, de acordo com o próprio site, “[...]é um relacionamento que exige (e satisfaz!) muito mais do que as relações tradicionais.”. O autor ainda destaca que os autores, desse modo, não só devem, como precisam ser objetivos sobre o que querem e aquilo que estão dispostos a oferecer, para que não haja desentendimentos posteriores. Assim, o Sugar dating permite que as imagens por detrás dos perfis se mostrem ou se espetacularizem ainda mais para que ninguém se sinta culpado pelos seus “desejos e intenções”, como diz no site.

4.2 Only Fans: “seus criadores favoritos”

Essa mercantilização já destacada em alguns momentos do presente trabalho, é também notada em mais uma plataforma de conteúdo adulto. Como já mencionado, o Onlyfans é uma plataforma online que fora fundada em 2016, com o objetivo de “conectar criadores de conteúdo digital com seus fãs” e essa é a principal ideia que é difundida pelas redes sociais do site.

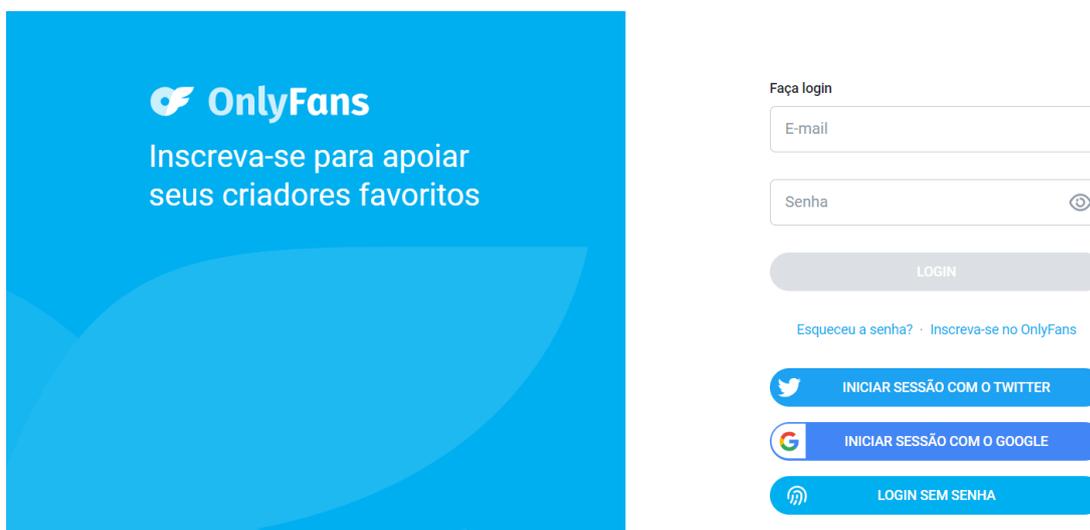
O onlyfans teve um crescimento exponencial e “meteórico” durante a pandemia acometida pelo vírus da COVID-19, em 2020. Desse modo, a plataforma passou de um pouco mais de 7 milhões de usuários, no início do período pandêmico, para 130 milhões de usuários ativos, em agosto de 2021. O que aponta para uma “justificativa” desse aumento expressivo dos usuários das plataformas de conteúdo adulto, já que a pandemia promoveu um isolamento social extremo e o modo mais fácil de comunicação era a internet.

Para os trabalhadores do sexo não foi diferente, estes também tiveram de se adaptar ao novo normal e criar conteúdos online de modo a aproximar cada vez mais seus clientes do seu perfil, criando um vínculo e fazendo com que esses usuários passem a consumir seu conteúdo

quase que diariamente.

O site, além do sistema de pagamento por assinaturas mensais, cujos “clientes” pagam pelo acesso ao conteúdo durante o mês do criador, incluindo os conteúdos anteriores já postados, também conta com um sistema de “gorjetas”, que podem chegar até 200 dólares, cerca de 1.060 (mil e sessenta) reais brasileiros na cotação atual, por conteúdos “exclusivos”. Abaixo visualizaremos a captura de tela da página inicial da plataforma:

Figura 3 - Página inicial do Only Fans



Fonte: *Printscreen* da página da web

Em uma rápida análise da página inicial da plataforma podemos notar uma diferença acentuada na linguagem que dialoga com o seu possível assinante. Enquanto o Meu Patrocínio trata essa ideia de mercantilização e como os relacionamentos entre o cliente e criador estão dispostas, de modo que, funciona a partir de preceitos corporativos e as relações deste “negócio” são tratadas como contratuais, cujos usuários estão em busca de capitalização por meio das conexões, como um patrocínio de algum cliente corporativo, os atores nesta plataforma buscam investir em uma relação para se obter o lucro posterior da mesma (Girardello 2016, p.11), o Onlyfans, por sua vez, deixa essa linguagem menos explícita, pelo menos em sua página inicial. Sua frase de efeito, a fim de persuadir o comprador, é simples e objetiva: “*inscreva-se para apoiar seus criadores favoritos*”. Nesse caso, a ideia de negócio, apontada pela biografia supracitada, não é apresentada grosso modo. Segundo Nagel (2021) Compreender que o imaginário da plataforma OnlyFans é baseado em uma estrutura misógina e patriarcal nos ajuda a entender a comunicação corporativa da OnlyFans como uma forma de limpar sua imagem.

No entanto, apesar da plataforma utilizar de uma linguagem menos apelativa, observa-

se outros tipos de estratégias para cativar mais criadores para dentro da plataforma: o programa de referência (GEYSER, 2023). Um criador de conteúdo indica outras pessoas à plataforma através de um link, é remunerado ao criador 5% da receita do indicado por um ano até o mesmo atingir, no máximo, um milhão de dólares em subscrições. Quanto mais pessoas um criador juntar à plataforma através do link pessoal, maiores os ganhos no fim do mês.

Neste sentido, pode-se observar com mais clareza o porquê de as influencers venderem uma vida de luxo nas redes sociais, argumentando que sua renda advém unicamente do Onlyfans. A aspiração de viver uma vida semelhante levou muitas jovens à plataforma através do programa de referência sem saberem as consequências financeiras e psicológicas que o Onlyfans proporciona.

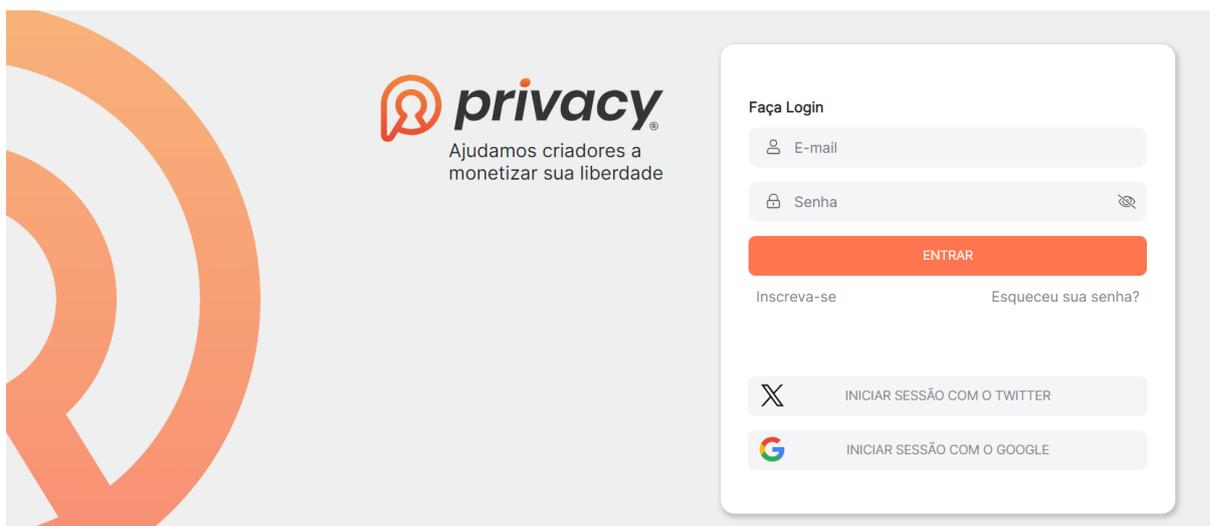
4.3 Privacy: “monetize sua liberdade”

Outro site que objetiva esse “contato” entre criador de conteúdo adulto e “fãs”, ou clientes, é o *Privacy*, uma rede social com foco no público adulto, que funciona de forma semelhante ao OnlyFans, com assinatura mensal de conteúdo. Ou seja, os usuários também devem pagar mensalmente para acompanhar, por meio do site, os conteúdos exclusivos na plataforma e interagir com eles, com likes e comentários em suas fotos ou vídeos.

O sistema de pagamento extra ou gorjeta também está presente nessa plataforma, de modo a facilitar essa mercantilização dos corpos e conteúdo de nudez. No *privacy* também há um sistema de desconto aqueles que indicam os conteúdos dos seus criadores favoritos por indicações por link. Funciona como uma venda em um site online. Cada usuário ganha um link que se for efetuada uma nova assinatura com ele, quem indicou ganha uma porcentagem pela “revenda”.

O *Privacy* é um site brasileiro que, assim como o *onlyfans*, também teve um enorme salto em suas assinaturas e popularidade entre os usuários que buscam esse tipo de conteúdo. Ainda compartilham do mesmo princípio de “seguir o criador favorito”.

Figura 4 - Página inicial do Privacy



Fonte: *Printscreen* da página da web

Na figura acima, podemos notar que o marketing dessa plataforma é construído com base na ideia de liberdade, assim como já expomos os pensamentos bibliográficos relacionados a ideia de Neoliberalismo, que tem a noção de trabalho sexual, refletindo mudanças nas estruturas de poder e nas relações de trabalho, enfatizando o livre mercado, a privatização e a individualização dos problemas sociais.

Na página inicial, a mensagem “ajudamos a criadores a monetizar sua liberdade”, tenta vender a ideia de “bom negócio”, de dinheiro fácil por meio da venda de conteúdo adulto. Nesse sentido, a perspectiva neoliberal manifesta o interesse em categorizar a atividade como uma escolha individual e voluntária, e desconsidera os aspectos estruturais e de desigualdade da indústria pornográfica.

O site em questão está de acordo com ideais já discutidos aqui, indo de encontro com pensamentos de McElroy e Pglia (2019), que defendem a ideia de pornografia como empoderamento feminino, por permitir o controle da sexualidade feminina e ver essa exposição como forma de arte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plataformas online revolucionaram a maneira do acesso e consumo de conteúdo em todo o mundo na era digital. Após o advento da internet, o acesso à informação e a troca de conteúdos tem sido simultânea e cada vez mais tem se adaptado a realidade em todo o mundo, de modo que, essa “aproximação” vem acontecendo e conectando pessoas de diferentes lugares do planeta em segundos.

Um dos fatores para esse aumento do consumo de conteúdo online foi a pandemia da COVID-19, que ocasionou em um isolamento social total, de maneira que, a internet virou a ferramenta mais fácil de troca de informações até mesmo pessoas que moram no mesmo bairro, por exemplo, que não podiam se ver pessoalmente. Essa ascensão da pandemia e maior conexão das pessoas por meio da internet também apontam para o aumento expressivo do consumo de material adulto e pornográfico no mundo inteiro.

Devido ao cenário vivenciado anteriormente, os profissionais passam a desenvolver seu próprio conteúdo digital, inovando também na maneira de vender conteúdo pornográfico. Buscando fortalecer laços por meio de conexões de forma digital para que o cliente se sinta mais próximo e fiel, assinando o conteúdo mensalmente. Além disso, os criadores de conteúdo passaram a criar seus próprios conteúdos e a plataforma apenas recebendo esse conteúdo, fornecendo os meios de divulgação do material e os serviços de pagamento. Exemplos de plataformas de distribuição de conteúdo são Privacy e OnlyFans, o Meu Patrocinio oferece uma espécie de troca de favores e encontros casuais, mas deixando explícitas a ideia da prostituição como troca de “favores”.

Desse modo, é possível investigar como esses sites têm feito o marketing voltado a atrair novos criadores de conteúdo, com frases de efeito e discurso de liberdade financeira, com objetivo de criar, nesses criadores, que são, em sua maioria, mulheres, o desejo pela busca de “dinheiro fácil” por meio da internet, onde estão submetidas à midiaticização e à regulação híbrida de corporações e Estados. No desfecho deste cenário, observa-se a ocorrência de uma enganosa promessa aos indivíduos, enquanto as plataformas capitalizam de maneira acelerada à custa dos corpos destes. Esta indústria, por sua vez, beneficia-se do respaldo estatal para operar em diversos países, contudo, omite-se quanto ao dever de proteger os criadores. O avanço da globalização permite novas formas de exploração, a indústria do sexo digital emerge de uma indústria já marginalizada, porém agora com mais possibilidades financeiras, maior aceitação social, e por consequência, mais corpos explorados sexualmente.

Esse trabalho reflete acerca de como o fenômeno do trabalho sexual vem acontecendo

nas plataformas digitais. Pode-se concluir, a partir da pesquisa e contribuições bibliográficas, que, a mídia por trás desses sites propõe uma relação de produtor de conteúdo digital, celebridade e trabalhador, com o perfil do comprador, que se mostra como consumidor, fã e até mesmo, empregador. Porém, é necessário enfatizar que não se deve assumir um olhar de empreendedorismo baseado no fenômeno da plataformização do trabalho sexual, pois, ao mesmo tempo que propõe uma proposta de remuneração que o trabalho que parece justa, com discurso de liberdade financeira e glamourização desse trabalho, deve-se, também, pensar na exploração desse trabalho não regulamentado, que explora corpos e monetiza a ingenuidade do criador.

Assim, o trabalho sexual plataformizado surge na realidade como oposição ao trabalho produtivo precário, ao trabalho informal e ao trabalho ilícito. Não como prelúdio de uma revolução, mas como escatologia do neoliberalismo face ao desmanche do mundo comum (Peres, 2022, p. 5996).

Por fim, vale destacar a importância de se realizar esse trabalho e de refletir acerca das questões expostas aqui, pois, é válido pensar que, por meio de pesquisas científicas que mostrem os pontos abordados por um olhar científico pode contribuir para a reflexão da sociedade a respeito do trabalho sexual online e, além de sensibilizar e propor melhoras nas condições de trabalho, subsidiar novas pesquisas futuras para elevar o debate com foco em contribuir para um arcabouço teórico de qualidade e na formulação de ideias que possam servir de base para a criação de leis para a redução dos impactos da pornografia na sociedade.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. *Cadernos Pagu, Trânsitos*, v.31, p. 315-362, 2008. Disponível em:

[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2008\(31\)/Bernstein.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2008(31)/Bernstein.pdf). Acesso em 16/4/2024.

BOURDIEU, Pierre. *The forms os Capital*, 1983, p.98183. Traduzido por Richard Nice. Disponível em: Acesso em: maio/2016

CAMINHAS, Lorena. The politics of algorithmic rank systems in the Brazilian erotic webcam industry. **PORNSTUDIES**, 2022. Disponível em

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7194038/mod_resource/content/1/%282022%29%20Caminhas.%20The%20politics%20of%20algorithmic%20rank%20systems%20in%20the%20Brazilian%20erotic%20webcam%20industry.pdf

CAMINHAS, Lorena. Mercados eróticos e trabalho sexual na era das plataformas.

DIGILABOUR, 2022. Disponível em <<https://digilabour.com.br/mercados-eroticos-e-trabalho-sexual-na-era-das-plataformas-digitais/> >

As Dez Melhores Críticas (2007). 'Internet Pornography Statistics', março; www.toptenreviews.com/pornography

COLEMAN, J. S. Social Capital and the Creation of Human Capital. *American Journal of Socioly*, n.94, pS95S120,1988. Disponível em: Acesso em: maio/2016

DICIONÁRIO da língua portuguesa. Priberam Informática, 2023. Disponível em:

<<https://dicionario.priberam.org/pornografia>>. Acesso em: 31 de março de 2023.

SAFERNET Brasil. Denúncias de imagens de abuso e exploração sexual infantil online

compartilhadas pela SaferNet com as autoridades têm aumento de 70% em 2023. Disponível em:<<https://new.safernet.org.br/contentdenuncias-de-imagens-de-abuso-e-exploracao-sexual-infantil-online-compartilhadas-pela>> Acesso em: 30 de Março de 2023.

FREITAS, Tayrine Correia de. Indústria Global do Sexo: o braço da prostituição como uma alçada da economia política internacional. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

JEFFREYS, Sheila. *The Industrial Vagina: The Political Economy of the Global Sex Trade*" 2009

LANE, Frederick S. *Obscene Profits: The Entrepreneurs of Pornography in the Cyber Age*. New York, Routledge, 2001.

McElroy, W. (1995). "Sexual exploitation and prostitution and pornography alternatives." *Hastings Women's Law Journal*, 6(1), 57-63.

MacKinnon, Catharine. *Are Women Human? And Other International Dialogues*, 2006.

Disponível em: <https://academic.oup.com/book/7063/chapter-abstract/151447522?redirectedFrom=fulltext>.

Miriam, Kathy (2005). 'Parando o Tráfico de Mulheres: Poder, Agência e Abolição nos Debates Feministas sobre o Tráfico de Sexo'. *Journal of Social Philosophy*, 36.1, Spring: 1–17.

NAGEL, Emily . Competing platform imaginaries of NSFW content creation on Onlyfans. **PORNSTUDIES**, 2021.

PAGLIA, C. (1992). *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson*. Yale University Press.

ZANETTI, Lucas; MOTTA, Thamires. Como a pornografia ajuda a justificar a normalização da violência contra as mulheres. Disponível em: <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2017/02/24/como-a-pornografia-ajuda-a-justificar-a-normalizacao-da-violencia-contra-as-mulheres/>

Zhou, Jinghao (2006). 'Prostituição Chinesa: Consequências e Soluções na Era Pós- Mao'. *China: An International Journal*, 4.2: 238–62.

Things are looking up in Americas's Porn Industry. **NBC NEWS**, 2015. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/business/business-news/things-are-looking-americas-porn-industry-n289431>.

McELROY, W. *XXX - A Woman's Right to Pornography*. New York: Martin's Press, 1995

DWORKIN, Andrea. *Pornography: Men Possessing Women*. New York: Perigee, 1981.

PENTTINEN, ELINA. *Globalização, Prostituição e Tráfico Sexual: Política Corporal*. Londres, 2008.